

## **“Amor, ódio e transferência”**

**Milva Fina**

Retomo a pergunta formulada no argumento deste colóquio: Como as paixões atuam na direção da cura? E acrescento: qual o impacto dessas paixões (amor, ódio e ignorância) na possível construção da transferência analítica?

Lacan assinala, no seminário "Os escritos técnicos de Freud", que as três paixões fundamentais só podem se inscrever na dimensão do ser e não na do real.

E é isso que diz: *“é somente na dimensão do ser, e não na do real, que podem se inscrever as três paixões fundamentais”*. (1)

Ou seja, as paixões respondem para cobrir algo do real impossível que o sujeito não pode suportar e não pode ter um lugar nele.

O curso de uma análise envolve a busca das sinuosidades do desejo e do gozo, que, como variáveis do não-ser, referem-se àquilo que é subtraído da percepção.

A proposta deste colóquio me remeteu a uma sequência clínica que eu gostaria de compartilhar com vocês.

Recebo uma mulher de meia-idade que fala em um estilo muito bizarro, eu diria, muito imaginário e quase incompreensível para mim. Ela diz que se sente pouco reconhecida no trabalho e muito amada pelo marido, apesar de se definir como intensamente ciumenta.

Seu ciúme e desejo de posse a levam a reivindicar seu narcisismo repetidas vezes, enquanto eu a ouço com paciência e intervenções mínimas.

Ao mesmo tempo, eu diria que ela está imersa em uma séria "gula". Como uma devoradora, ela não para de comer nem de dia nem de noite. Ela é voraz: com o alimento, com o amor, com o trabalho.

Por quanto tempo ele continuará a me engolir em bocados devastadores? Eu me sentia como se estivesse sendo atropelada.

Por algum motivo aleatório, surgiu naquela transferência maciça, monótona e esmagadora um avesso, quase um tropeço, um turbilhão que poderia passar despercebido. Acontece que eu não entendi quando ele disse: "A dieta consiste em comer pó".

Um dito precioso, em minha opinião, que parece fazer alusão a um caminho das pulsões que se repete inúmeras vezes, sem conseguir ser "mordido" por algum significante que permita estabelecer uma borda e criar um possível buraco.

Sem especificar a obscenidade de sua maneira de falar, eu diria que, entre a surpresa e a ignorância que me foram apresentadas diante dela, algo começou a se desenhar de uma maneira diferente.

Quando a gula cessou em suas palavras, o amor começou a aparecer na forma de erotismo furioso em relação a um suposto amante. Entretanto, a rejeição, eu diria ódio, era dirigida ao marido.

Por causa da maneira taxativa de falar, “Estou disposta a dar tudo por esse novo relacionamento, odeio meu marido, espero que ele desapareça...” Faço um esclarecimento: estou lendo com vírgulas e ponto final, o que em seus dizeres aparecia sem pausa e sem ritmo. Parecia uma continuidade monocórdia.

Volto a seu falar taxativa: “Estou disposta a dar tudo por esse novo relacionamento, odeio meu marido, espero que ele desapareça...” Eu diria, então, que o amor e o ódio apareceram de forma apaixonada, não apenas por causa da natureza devastadora do sujeito, mas também por causa do narcisismo em jogo.

Eu me pergunto: Como ela passa do amor narcisista intocável pelo marido para o ódio intransigente e inegociável? O ódio é necessário para se desligar desse bloco imaginário?

Às vezes, a transferência se tornava turbulenta. Ela, exigente e avassaladora, impediu que o que Freud chamou de "amor de transferência" se estabelecesse.

Quero fazer outro parêntese: em relação a esse colóquio, a colega da ECLAP Belena Tauyaron (a quem agradeço por sua contribuição) lembrou uma passagem de Freud em que ele fala de mulheres de paixões poderosas [“elementares” na tradução ao espanhol de José Luis Etcheverry].

No texto "Observações sobre o Amor Transferencial", Freud destaca o amor de transferência como aquele que coloca em ação os fatores eróticos inconscientes de cada analisando. No entanto, cito *“Existe, é verdade, determinada classe de mulheres com quem esta tentativa de preservar a transferência erótica para fins do trabalho analítico, sem satisfazê-la, não logrará êxito. Trata-se de mulheres de paixões poderosas, que não toleram substitutos. São filhas da natureza que se recusam a aceitar o psíquico em lugar do material. Com tais pessoas tem-se de escolher entre retribuir seu amor ou então acarretar para si toda a animizade de uma mulher desprezada. Em nenhum dos casos se podem salvar os interesses do tratamento.”* (2)

Pergunto-me se estamos lidando com essa categoria freudiana de mulheres de paixões elementares.

Recapitulo: Lacan enfatizou com o neologismo, *amódio* (3), a imanência do ódio no amor. Ou seja, não há um sem o outro, e acho que isso está

relacionado ao conceito de ambivalência de Freud e, portanto, constitui um ponto crucial de reversibilidade.

Esse ponto crucial de reversibilidade do amor em ódio transforma o parceiro em algo insuportável. Tudo o que a fascinava agora se torna insuportável e odiado.

Mas voltando ao Seminário 1: Por um lado, qual é a relação entre amor e desejo? E, por outro lado, o ódio e o desejo?

O amor pode ser equiparado ao desejo e nos confundir nesse ponto. No entanto, Lacan destaca o que para mim é uma joia: o amor não se refere à satisfação do desejo, mas à satisfação do ser. Tudo está embutido na paixão do ser e não admite o real do des-ser.

O ódio, talvez, esteja mais próximo do desejo do que do amor. Quando ocorre o desejo e o objeto do desejo se recusa, surge o ódio. Parece paradoxal, mas muitas vezes é necessário que esse intervalo, essa "hiância", ocorra.

Quero dizer, nesse caso, ela removeu aquele gozo insuportável que unia as paixões em uma única identidade. Também deixava de fora a possibilidade de amar de outra forma.

Houve um terceiro momento que eu gostaria de incluir nessas breves anotações: a morte de sua mãe.

Esse fator transferencial e real marcou um antes e um depois. Não sei dizer quais foram as consequências, mas tenho a impressão de que seu corpo não era mais aquele contêiner de resíduos.

As escanções de sua história, um certo ritmo em sua fala, mostraram que minha presença não estava mais sendo engolida e cuspidada por sua voracidade.

Um vai e vem, eu diria, até mesmo amoroso, estava começando a ser construído, o que permitia que algumas veias de seu gozo fossem expressas em palavras. Suas paixões como mulher, falando freudianamente, se posso dizer, não eram mais tão elementares?

Então, a ignorância. Lacan, no Seminário 1, pergunta, e cito: *"O que é a ignorância? É uma noção certamente dialética, porque é somente na perspectiva da verdade que ela se constitui como tal. Se o sujeito não se coloca em referência com a verdade, não há ignorância". (4)*

Eu diria que nessa sequência clínica há uma passagem da paixão pela ignorância, como uma devastação do sujeito, para a ignorância agora, como a resposta do sujeito ao saber inconsciente. Quero dizer que há uma diferença entre a ignorância como paixão e a ignorância como pergunta do sujeito.

Gostaria de enfatizar que essa paciente deixou de estar doente após a morte de sua mãe, o que marcou um ponto de inflexão em que o esboço de um assunto começou a surgir.

Por fim, mais uma palavra sobre o amor. Lacan argumenta em "O avesso da psicanálise": *“O amor a verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração”*.(5)

O que significa o amor à castração? É uma saída proposta pela análise para o amódio? É a esperança de poder amar de uma forma que não seja narcisista?

Muito obrigada.

#### Bibliografia.

1. Lacan, J. Seminário "Os escritos técnicos de Freud", pág. 308-309
2. Freud, S. "Observações sobre o Amor Transferencial"
3. Lacan, J. Seminário "Mais, ainda" p. 110.
3. Lacan J. Seminário RSI,
4. Lacan, J. Seminário "Os escritos técnicos de Freud", p. 193
5. Lacan, J. Seminário "O avesso da psicanálise", p. 49